

ANÁLISE DO ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO “CIDADÃO DO OESTE”

Amanda Gemelli Ramos¹
Maicon Ferreira de Souza²

RESUMO: O presente artigo visa analisar elementos técnicos de cinema e documentário no filme “Cidadão do Oeste”, produzido em outubro de 2011, que conta a trajetória de vida e empreendimentos de Assis Gurgacz no oeste do Paraná. A análise será realizada em duas situações do filme, para cada uma delas iremos estudar quais as relações entre parte técnica com a mensagem que o produtor deseja passar. Para isso, será feita a desconstrução das situações em forma de roteiro, analisados cada take e também a trilha sonora. O objetivo desse artigo é desconstruir partes do filme, para revelar quais os princípios de elementos técnicos foram utilizados para alcançar e consolidar a percepção da mensagem. Como referencial teórico abordamos as teorias de construção de roteiros vindas do cinema e as utilizadas em documentários para a construção de filmes curta-metragem no que tange a técnicas de filmagem, movimento de câmera, enquadramento e diálogo entre áudio e mensagem. São referenciados neste trabalho autores como Syd Field e Bill Nichols. Conclui-se que a produção de roteiro e as técnicas são fundamentais para a resolução do vídeo, e principalmente, ajudam na percepção da mensagem.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário, Roteiro de Documentário.

1 INTRODUÇÃO

A produção audiovisual brasileira tem apresentado um crescimento considerável nos últimos anos. Filmes de longa e curta metragem, vídeos institucionais, animações, videoclipes são cada vez mais comuns, circulando principalmente na Web. Segundo Labaki (2006), “a revolução digital muito favoreceu este progresso”.

O audiovisual foi fortemente impulsionado pelos avanços das tecnologias digitais, que tornaram economicamente mais viável a realização dos projetos. A facilidade de exibição dos materiais pela internet – através dos sites privados ou canais de compartilhamento de vídeos como o *Youtube*, por exemplo – também contribui para que essa produção aumente a cada dia.

¹Acadêmica do 7º período do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade Assis Gurgacz (FAG), amanda.gemelli@gmail.com

²Mestre em Televisão Digital pela Universidade Estadual Paulista – FAAC/UNESP. Docente do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade Assis Gurgacz (FAG), maicon.souza@fag.edu.br

Diante desse cenário, outro fator que deve ser levado em consideração é a qualidade dos produtos que estão sendo realizados. As câmeras digitais que filmam em HD proporcionam uma imagem de cinema, tornando os vídeos que antes eram peças quase caseiras, em artigos de primeira linha.

O documentário é uma prática essencial da comunicação, é uma expressão da realidade que aborda um tema de forma abrangente. Desde o surgimento, os temas registrados são de relevância social, que servem como documento para mobilizar a sociedade. Para Penafria (2001) o documentário tem o objetivo de incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não veem ou lhes escapa.

A cada dia mais as técnicas de produção audiovisual têm se aprimorado. Produtores, diretores, cinegrafistas tem se esmerado em trabalhar com essa linguagem, explorando dos equipamentos que estão à disposição toda a capacidade que eles podem proporcionar.

Este artigo, portanto, vai realizar uma análise dessa nova realidade da produção de vídeo, principalmente em relação às técnicas de linguagem usadas na atualidade. Para tanto, foi escolhido como produto desta análise o filme-documentário “Cidadão do Oeste”, realizado pelos jornalistas Luiz Sonda e Giordano Dal Pozzo, em Cascavel, cidade situada no oeste do Paraná.

O documentário “Cidadão do Oeste” começou a ser planejado em setembro de 2011, pelo jornalista Luiz Sonda. A princípio era para ser um vídeo institucional de 4 minutos para ser apresentado numa homenagem da AMOP – Associação dos Municípios do Oeste do Paraná, onde Assis Gurgacz recebeu o prêmio de “Cidadão do Oeste”. A ideia era criar um vídeo para contar a trajetória de Assis Gurgacz no Paraná, com a preocupação que vídeo não ficasse cansativo.

Para que as imagens tivessem qualidade, foi preciso de um bom equipamento, câmera que filme em HD e de um profissional nessa área. Foi quando convidou o jornalista Giordano Dal Pozzo que já trabalhou com cinema e televisão em São Paulo.

Durante a pesquisa sobre a vida de Assis Gurgacz surgiram dúvidas sobre o formato do vídeo, devido a riqueza da história. “Percebemos que dava para contar uma história com outra estética, usando técnicas de documentário no vídeo institucional. Ou seja, é uma adaptação de uma linguagem, a transformação de um formato tradicional que se costumava fazer, para uma linguagem diferente, de cinema, com outra narrativa, com um outro jeito de contar história”, explica Sonda.

O toque de cinema no filme foi caracterizado pelos personagens. O documentário tem uma narrativa diferente, são os personagens que contam as próprias histórias, até chegar ao

ponto em que as suas vidas são ligadas a história de Assis Gurgacz. Esta foi a maneira encontrada para dar ação no vídeo. “Sem ação não tem história, sem drama não tem história. Drama no sentido dramatizado, ação, coisas acontecendo que possam mostrar a história sendo encaminhada”, explica Sonda.

Este documentário foi escolhido em função de ser um recorte regional que facilita a pesquisa e, sobretudo, por apresentar um caráter inovador, que vem justamente de encontro ao propósito inicial deste trabalho, ou seja, identificar como os produtores de audiovisual estão se utilizando de técnicas do cinema na produção de documentários e vídeos institucionais. Aliando a qualidade técnica da imagem com a linguagem cinematográfica, no sentido de atingir o objetivo de levar a mensagem até o público.

A análise será realizada em duas situações do filme. Para cada uma delas serão estudadas as relações entre parte técnica, roteiro da produção e trilha sonora. O objetivo é desconstruir partes do filme e revelar quais os elementos técnicos e de roteiro que foram utilizados para alcançar e consolidar a mensagem que o produtor desejava passar.

Como referencial teórico abordamos as teorias de construção de roteiro, bem como as indicações vindas do cinema para a construção de filmes curta-metragem no que tange a técnicas de filmagem, movimento de câmera, enquadramento e diálogo entre áudio e mensagem.

A discussão que segue vai desconstruir sequências do documentário “Cidadão do Oeste”, para a identificação dos valores das técnicas empregadas nas cenas. Duas situações escolhidas serão analisadas:

- Roteiro
- Enquadramento e movimento de câmera
- Trilha sonora

Sendo assim, revelando os elementos que consolidam a construção da mensagem na produção de um documentário, na forma de utilizar as técnicas para atrair o espectador.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O capítulo seguinte vai mostrar a história do documentário, explicar roteiro e quais são os movimentos e enquadramentos de câmera.

2.1 Documentário

Para compreender as técnicas do documentário, é preciso entender sua definição e surgimento. Um dos primeiros registros de filmes foi de Louis Lumière, as imagens eram feitas com um cinematógrafo, que era uma evolução do quinetoscópio criado em abril de 1894 por Thomas Edison. Os filmes de Lumière registravam as situações do cotidiano de pessoas, o que trazia naturalidade para o filme, para Nichols (2001), “parecem reproduzir o acontecimento e preservar o mistério”.

O termo “chamadas atualidades” era como os primórdios do cinema nomeavam o “documentário”. Na época, eram comuns os filmes exibicionistas, teatros, que permitiam uma integração entre o público e a tela, pois os artistas encenavam de forma que se dirigiam ao público. Para Da-Rin (2006) essa era uma concepção superficial, pois encobre o significado mais amplo das atualidades.

Naquela época não existia ainda uma definição, principalmente por não ser uma necessidade, a preocupação era de explorar todo que estivesse ao alcance. Para Nichols (2001), “ninguém teve a intenção de construir uma tradição do documentário”, isto quer dizer que foi uma transformação que buscava explorar os limites do cinema.

Atualmente diversos autores discutem teorias, métodos e estilos para delimitá-lo. Da-Rin (2006) diz que os limites são arbitrários, criando um labirinto interminável de exceções que acabam por nos levar de volta ao ponto de partida. Para Nichols (2001), “Todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela”.

Apesar das tentativas de limitar um conceito, o documentário aborda diversas técnicas que buscam retratar ou mesmo capturar essências de determinada história. Mas um fator importante é a forma com que o produtor utiliza das técnicas para persuadir o espectador. Para Penafria (2001) “Alguns recursos que à partida não é suposto o documentário utilizar, podem contribuir para um esclarecimento e aproximação dos espectadores com a realidade; a realidade que tanto se espera que um documentário nos transmita”.

Para a construção dos elementos que caracterizam a história, é necessária a pré-produção. É neste momento em que é realizada uma pesquisa que define a forma de desenvolvimento e roteiro. Penafria (2001) diz que o documentarista deve interrogar-se quanto às razões por que quer determinado filme, definir a abordagem ao tema, recolher informação, fazer a caracterização e seleção dos locais a filmar, a caracterização dos intervenientes, definir a estrutura do filme, tipo de planos, etc.

No roteiro é exemplificada a construção dos elementos usados nas gravações. Desde o planejamento das entrevistas com os personagens, até a constatação do resultado das filmagens. Nele devem constar as técnicas de enquadramentos e movimentos de câmera escolhidos para dar determinado resultado, pois cada plano e movimento proporcionam um significado dando envolvimento a cena.

O resultado das técnicas de filmagem é influenciado pela trilha sonora. A melodia deve combinar com a intenção da cena, pois a música ajuda a transmitir sensações ao espectador no desenvolvimento narrativo do filme.

No vídeo, alguns termos são usados para classificar cada etapa. Segundo Cruz (2007 apud MASCELLI, 1998), define o lugar ou cenário onde se situa a ação. Uma cena pode ser composta de um plano ou de uma série de planos que descrevem um acontecimento contínuo.

O termo plano significa a visão do espaço que é filmado, cada plano é uma tomada ou *takes* da cena, toda vez que a câmera muda para uma posição diferente também muda o plano. A sequência é um conjunto de takes ou cenas que se complementam continuamente.

Para compreender sobre a análise das sequências, é necessário entender a produção de roteiro, as técnicas utilizadas em enquadramento e movimento de câmera e a influência da trilha sonora.

2.2 Roteiro

O roteiro é um guia para as gravações. Nele deve estar escrita a história do início, meio e fim. Explicando a estrutura de cada passo da gravação e também dos personagens. Para Field (2001) “O roteiro é como um *substantivo* — é sobre uma *pessoa*, ou pessoas, num *lugar*, ou lugares, vivendo sua *coisa*”. Todos os roteiros cumprem essa premissa básica. A pessoa é o personagem, e viver sua coisa é a ação”.

Segundo Field (2001) o roteiro deve ser dividido em I, II e III Atos, esta é a estrutura que sustenta toda a história. “Para *apresentar* a história, os personagens, a premissa dramática, a situação (as circunstâncias em torno da ação) e para estabelecer os relacionamentos entre o personagem principal e as outras pessoas que habitam os cenários de seu mundo”. No roteiro o ato I tem cerca de 30 páginas, sendo um minuto para cada uma. É o começo da história onde deve chamar a atenção de quem assiste ao filme.

Quero dizer, desde a primeira página, da primeira palavra. O leitor tem que saber o que se passa imediatamente. Truques ou ilusionismos não funcionam. Você tem que apresentar a informação da história de forma visual. O leitor tem que saber *quem é* o seu personagem principal, *qual a premissa* dramática, isto é, sobre o que trata o filme, e a *situação* dramática — as circunstâncias que rodeiam a ação. (FIELD, 1982, p.68).

O Ato II é o momento de confrontação. São 60 páginas onde o personagem principal enfrenta desafios que o impedem de alcançar seus objetivos. O Ato III é conhecido também por resolução, é o momento em que a história do personagem começa a se solucionar. No final do Ato I e II existe o "ponto de virada", é o episódio que a história toma outro rumo.

As cenas que caracterizam os personagens são importantes, estas imagens devem ser planejadas com a intenção do que se quer passar. Field (2001) diz que a essência do personagem é a ação, e ele é o que ele faz. Por isso, é responsabilidade do escritor definir imagens que caracterizem o personagem, no caso do documentário, as imagens precisam demonstrar detalhes sobre a personalidade, rotina, etc.

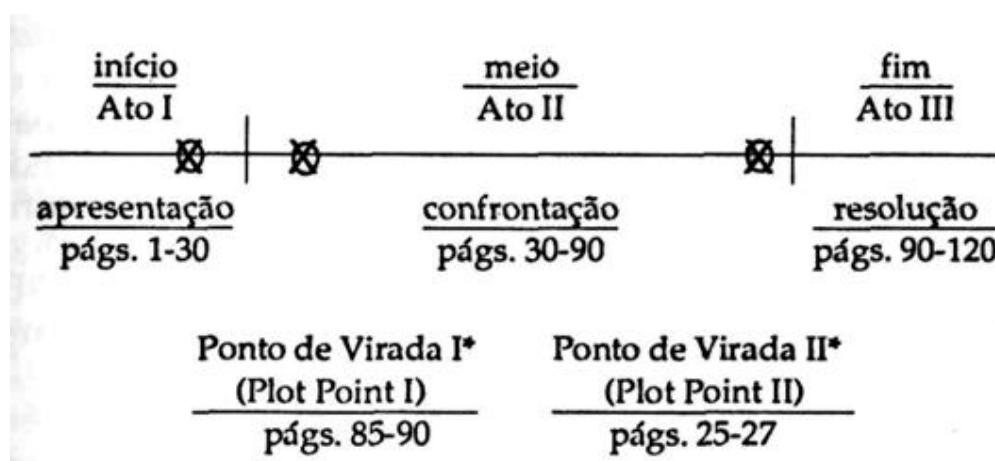


Figura 1 - Roteiro segundo Field

Para Field (2001) os elementos do roteiro podem ser comparados a uma sequência, um número de partes individualmente relacionadas arranjadas para formar uma unidade:

O roteiro, enquanto "sistema", é feito de finais, inícios, pontos de virada, planos e efeitos, cenas e seqüências. Juntos, unificados pelo impulso dramático de ação e personagem, os elementos da história são "arranjados" de uma forma particular e depois revelados visualmente para criar a totalidade conhecida como "o roteiro". Uma história contada em imagens. (FIELD, 1982, p.86).

O personagem é o elemento principal do documentário, por isso, é preciso se aprofundar na sua história. Field (2001) diz que o personagem é o coração, alma e sistema nervoso de sua história. Ele elaborou um modelo conceitual de personagem para facilitar o roteiro, conforme figura 1.

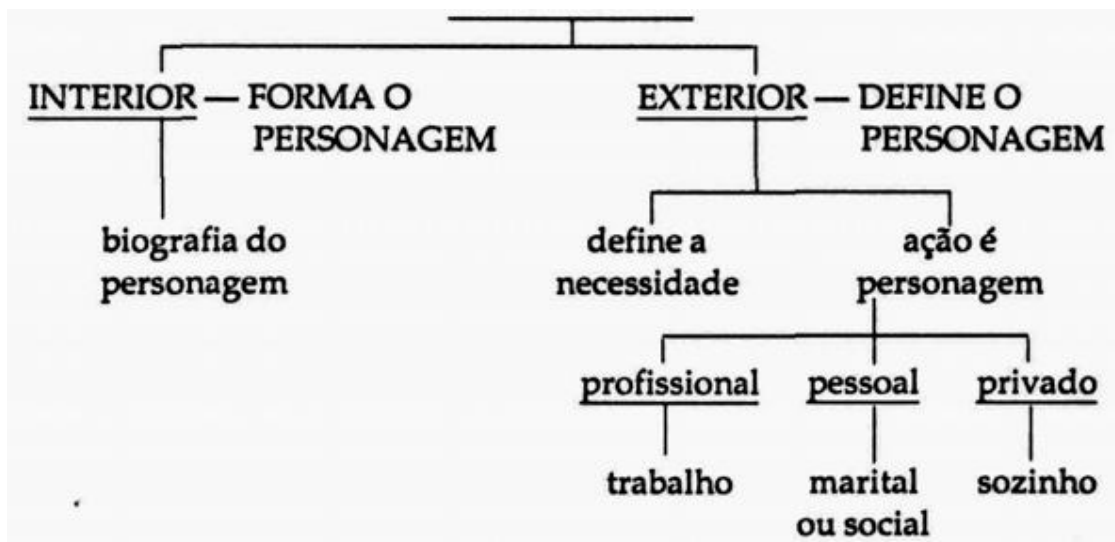


Figura 2 – modelo conceitual de personagem

2.2 Enquadramento e movimento de câmara

Durante a gravação de um filme é preciso entender das técnicas de audiovisual. Cada plano e movimento de câmara tem um significado diferente nas cenas, por isso, é necessária uma pesquisa que deixe detalhado no roteiro qual a forma a ser gravado. No enquadramento pode-se delimitar a composição dos elementos da cena, o que modifica a forma de entendimento do espectador. Segundo Cruz (2007) os planos que existem são:

Plano Geral (PG) – abrange uma imagem aberta, relativamente ampla, como uma paisagem. Pessoas não podem ser identificadas. Serve para situar o público com a cena.

Plano de Conjunto (PC) – imagem mais fechado do que o Plano Geral, uma pessoa já pode ser identificada. Usado em cenas onde aparece mais de um ator.

Plano Médio (PM) – enquadra uma pessoa da cintura para cima, a câmara estará perto para mostrar gestos, expressões faciais, sem perder o cenário.

Plano Americano (PA) – é o plano que enquadra uma pessoa da altura dos joelhos para cima. Foi criada nos *westerns* americanos, pois mostrava a cartucheira do revólver na cintura em cenas de duelo.

Plano de Detalhe (PD) – conhecido também por close-up, a imagem mostra somente um detalhe ou partes de alguma coisa.

Plano Próximo (PP) – uma pessoa enquadrada do busto para cima. Mostra características de atitudes e emoções.

Os movimentos principais são:

Travelling - consiste num deslocamento físico da câmera ou sobre algum tipo de trilho, durante o qual permanece constante o ângulo entre o eixo ótico e a trajetória do deslocamento.

Panorâmica – é um movimento que consiste na rotação da câmera em seu eixo vertical ou horizontal, sem deslocamento do aparelho, ela se move sem sair do lugar, girando sobre a própria base.

Zoom – *zoom-in* fecha o ângulo, por meio de uma aproximação da imagem, *zoom-out* é o contrário, abre o ângulo da imagem, distanciando-o ao máximo.

Trajetória – é um movimento bastante raro e consiste numa mistura indeterminada de travelling e panorâmica efetuada com o auxílio de uma grua.

Os movimentos utilizados servem para dar dinamismo a história, uma passagem de tempo, uma visão do cotidiano. Alguns servem para dar dramaticidade a história, dando ênfase a determinada cena. Segundo Cruz (2007), para compor a linguagem as imagens evoluíram de uma mera descrição do que se via com uma câmera fixa, para um trabalho consciente de seleção e organização de enquadramentos que buscassem direcionar o olhar do espectador para o que realmente interessa.

3 DESENVOLVIMENTO

Algumas cenas do documentário “Cidadão do Oeste” mostram a história de algumas pessoas ligadas indiretamente com Assis Gurgacz. Duas histórias foram escolhidas para serem desconstruídas e analisadas, onde os personagens são importantes na narrativa do documentário. Nos personagens foi aplicado o modelo conceitual de personagem de Field, conforme figura 1 e 2.



Figura 3 – roteiro conceitual do personagem da Alana

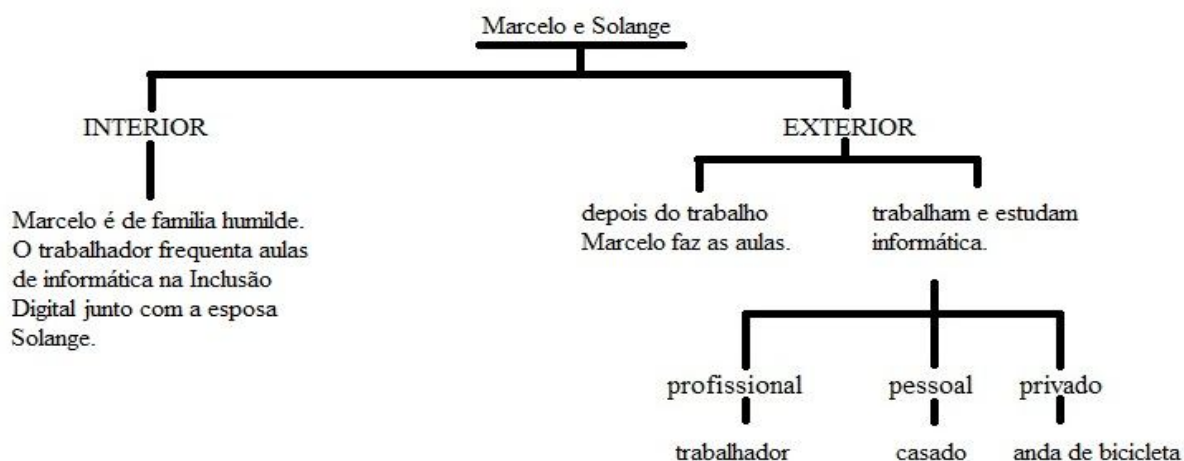


Figura 4 – roteiro conceitual do personagem de Marcelo e Solange

As situações estão classificadas como seqüências 3 e 4: a primeira é a da Alana dividida em duas partes, a 1.1 de 0'9" - 1'42" que começa a contextualização da história da menina e 1.2 as 27'19" - 28'48" a resolução. A segunda situação conta a história de Marcelo e Solange dividida em três partes, na seqüência 2.1 mostra Marcelo trabalhando e indo para casa, na 2.2 as 30'16" – 30'29" os takes mostram o homem entrando no ônibus da Inclusão Digital e na última seqüência 2.3 as 31'01" – 32'06" tem a resolução com o casal falando da importância de participar da atividade.

Roteiro - Alana

Seqüência 1.1

Tempo: 0'9" – 1'42"

Cena 1 – Take 1	0'9"	Começa com imagem de uma placa em primeiro plano, que situa o espectador de onde se passa o começo da história.	PG
Cena 2 – Take 1	0'13"	A imagem mostra dentro da sala de aula, com as crianças falando o alfabeto.	PC
Take 2	0'16"	Close da Alana na sala de aula.	PM
Cena 3 – Take 1	0'18"	Alana andando pelo corredor de mãos dadas com a professora e os colegas atrás	PC
Cena 4 – Take 1	0'23"	Entrevista dos pais contando que a menina nasceu com uma deficiência nos pés e por isso usa próteses.	PP
Take 2	0'38"	Alana andando de bicicleta.	PC
Take 3	0'54"	Volta para a imagem dos pais que contam que não tinham orientação.	PP

Cena 5 – Take 1	1'07''	Alana dentro do carro olhando pela janela, enquanto o carro entra na FAG.	PP
Take 2	1'24''	Os pais de mãos dadas com a Alana entrando na Clínica.	PC
Take 3	1'32''	Imagem de dentro da clinica com os pais e a menina entrando.	PC
Trilha sonora: música lenta, um solo de viola.			

Quadro 1 – Leitura da sequência 1.1

Sequência 1.2

Tempo: 27'19'' – 28'48''

Cena 1 – Take 1	27'19''	Alana e os pais entrando na Clínica FAG.	PC
Take 2	27'27''	A família continua caminhando até o balcão.	PC
Take 3	27'32''	Alana e os pais andando pelo corredor, imagem eles de costas.	PC
Take 4	27'38''	Imagem da família andando de frente.	PC
Take 5	27'42''	Imagem que mostra as próteses da menina andando e os pais entrando numa sala.	PD
Cena 2 – Take 1	27'46''	Fisioterapeuta mexendo na menina e arrumando a prótese.	PD
Take 2	27'55''	Menina olhando o fisioterapeuta arrumar a prótese.	PP
Take 3	28'00''	Prótese sendo ajustada.	PD
Take 4	28'06''	Alana brincando e ajudando tirar a prótese.	PM
Take 5	28'11''	Alana mostrando a perna.	PC
Take 6	28'17''	Alana e os pais na Clínica.	PC
Cena 3 – Take 1	28'15''	Alana e os pais garagem, a menina deixa a bicicleta a abraça a mãe.	PC
Cena 4 – Take 1	28'39''	Pais da Alana em frente da casa.	PP
	28'44''	Os pais dando beijo na Alana.	PP
Trilha sonora: música animada, viola.			

Quadro 2 – Leitura da sequência 1.2

Roteiro - Marcelo e Solange

Sequência 2.1

Tempo: 28'49" – 29'35"

Cena 1 – Take 1	28'48"	Marcelo trabalhando, imagem contra luz.	PM
Take 2	28'58"	Mãos do Marcelo.	PD
Take 3	29'01"	Imagem aberta do Marcelo trabalhando numa máquina.	PC
Take 4	29'04"	Imagem do Marcelo mais fechada.	PP
Cena 2 – Take 1	29'07"	Marcelo andando de bicicleta.	PP
Take 2	29'13"	Marcelo andando de bicicleta de costas.	PC
Cena 3 – Take 1	29'21"	Senhoras sentadas numa varanda.	PC
Cena 4 – Take 1	29'24"	Marcelo andando de bicicleta.	PC
Take 2	29'29"	Marcelo chega em casa, abre o portão e entra.	PC
Trilha sonora: a música começa lentamente e vai ficando mais rápida, violas.			

Quadro 3 – Leitura da sequência 2.1

Sequência 2.2

Tempo: 30'16" – 30'29"

Cena 1 – Take 1	30'16"	Marcelo entrando no ônibus da Inclusão Digital FAG.	PC
Take 2	30'20"	Marcelo na parte de dentro do ônibus.	PM
Take 2	30'24"	Marcelo e Solange sentados e o professor mexendo no computador.	PP
Trilha sonora: música animada, violas.			

Quadro 4 – Leitura da sequência 2.2

Sequência 2.3

Tempo: 31'01" – 32'06"

Cena 1 – Take 1	31'01"	Solange usando o computador.	PP
Take 2	31'04"	Marcelo e Solange.	PP
Take 3	31'08"	Professor.	PP
Take 4	31'12"	Marcelo e Solange usando o computador.	PM
Take 5	31'16"	Marcelo e Solange falam por que acham importante saber acessar a internet.	PP
Cena 2 – Take 1	32'00"	Marcelo e Solange com os filhos em frente de casa.	PC
Trilha sonora: a trilha fica bem baixa, é a continuação da música da sequência anterior.			

Quadro 4 – Leitura da sequência 2.3

4 RESULTADOS

Os resultados aqui apresentados referenciam a tabela lá de cima numero 1. A sequência 1.1 começa com a imagem de uma placa que situa o espectador onde a história está se passando. Conforme figura 5.

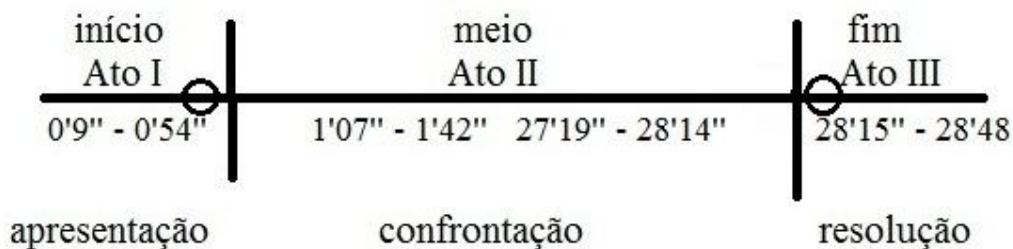


Figura 5 – roteiro conceitual aplicado a sequência 1.

Na Cena 2 – Take 2 o close da Alana na sala de aula representa que ela é uma menina normal, o que também acontece na próxima cena que ela está andando de mãos dadas com a professora. Na Cena 4 – Take 1, o plano próximo usado na entrevista enquadra os pais do busto para cima, enquadramento utilizado para mostrar as características das feições faciais. A imagem de transição do Take 2 tem duração de 13 segundos, a câmera acompanha a Alana andando de bicicleta, mostrando que mesmo com as próteses ela pode fazer atividades físicas.

O primeiro ponto de virada é com a entrevista dos pais aos 0'54'', eles contam que não tiveram orientação quando saíram do hospital. Na troca de cena, mostra a Alana no carro em movimento e entrando na Faculdade Assis Gurgacz. A partir desse momento é revelada a ligação da história da menina com a de Assis Gurgacz.

A sequência 1.2 começa com a imagem da família entrando na Clínica e caminhando até ao balcão. Nos takes 3 e 4 a família caminha pelo corredor, no take 5 a câmera começa o movimento com um plano detalhe nas próteses da menina e abre mostrando a família entrando na sala, para firmar a mensagem que é ali onde o problema é resolvido.

Na troca de cena, a menina já aparece dentro da sala com o fisioterapeuta. O encaixe da narração com a imagem é muito importante, o pai de Alana conta que uma vez por mês eles vão a Clínica fazer o ajuste da prótese, isso ao mesmo tempo que a imagem mostra o fisioterapeuta ajustando a prótese. No take 4 da cena 2, a Alana começa com as mãos no rosto como se estivesse brincando e ajuda o fisioterapeuta a tirar a prótese, o detalhe dela brincando mostra que é um momento descontraído para a menina.

A resolução da sequência é na Cena 4 aos 28'39'', quando a família está na garagem de casa. A Alana chega com a bicicleta e a mãe a pega no colo, mostrando o carinho e amor que os pais sentem por ela. Ao mesmo tempo que a narração da mãe fala que a menina é tudo para eles. E a cena encerra com um beijo carinhoso dos pais na Alana.

Sequência 2.1

A figura 6 é a aplicação do modelo conceitual com a aplicação do levantamento realizado no quadro 2.

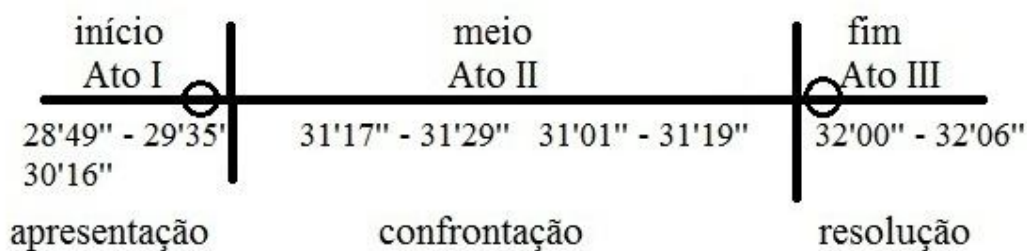


Figura 6 – roteiro conceitual aplicado a sequência 2.

A história de Marcelo começa a ser retratada pelo seu trabalho. Na Cena 1 da sequência são utilizados diversos planos diferentes para mostrar o esforço do homem, começando com um plano médio com a imagem contra luz, depois, o plano detalhe focando nas mãos sujas e cheias de calos. Somente quando mostra o plano conjunto é que podemos entender aonde o homem trabalha. Os planos utilizados demonstram um homem trabalhador e dedicado.

Na troca de cena o Marcelo aparece saindo do trabalho de bicicleta, nas cenas seguintes foi utilizado o plano de conjunto, que mostra o cenário e também identifica o personagem. Na Cena 3 aos 29'21'', uma imagem de duas senhoras sentadas na varanda de uma casa chama a atenção, pois representa a tranquilidade e simplicidade do lugar. O trecho termina na Cena 4 com Marcelo chegando em casa.

A sequência 2.2 é de imagem de transição, serve para explicar ao espectador que o Marcelo participa da Inclusão Digital. No primeiro take com o plano de conjunto ele entra no ônibus, depois a imagem já se passa dentro do ônibus e encerra com Marcelo e Solange já no computador.

A continuação da história do casal acontece dentro do ônibus na sequência 2.3, eles falam da importância de aprender a usar o computador. O plano próximo utilizado na maioria dos takes retrata claramente as expressões do rosto do casal, as quais passam seriedade e dedicação durante a aula.

A resolução da história de Marcelo e Solange acontece na Cena 2 aos 32'00'', a imagem com plano de conjunto mostra o casal e os dois filhos em frente de casa, a imagem mostra uma família humilde e unida.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se com essa minuciosa análise que as técnicas utilizadas na produção de um vídeo influenciam e despertam o entendimento do espectador. O produtor tem ao seu alcance inúmeras técnicas e com a diversidade de planos e enquadramentos mostra que a criatividade na produção de vídeos não tem limites, desde que exista uma preocupação com o objetivo proposto no projeto e a arte final sendo fundamental escolher e aplicar as técnicas ideais. Portanto, o planejamento da gravação é essencial, realizar uma cuidadosa pesquisa sobre o assunto, escolher com critério as locações e os personagens são imprescindíveis na pré-produção. Além disso, no roteiro devem-se focar todos os aspectos para retratar o seguimento da história, quanto mais detalhada melhor, pois é no roteiro que se tem uma visão geral do vídeo. A partir do roteiro pronto é só começar as gravações. Em cada take conseguimos demonstrar uma intenção, por isso cabe ao produtor a habilidade de escolher as melhores técnicas para determinada cena. Quando bem utilizadas as técnicas de gravação, conseguem retratar com riqueza os detalhes da história proposta, melhorando a percepção da mensagem, passando toda a emoção contida no enredo. Aliando as técnicas com a trilha sonora, o resultado do trabalho vai cativar a atenção dos espectadores para o filme. A criação de um vídeo requer cuidados a todos os detalhes, assim, aproximando o espectador da emoção que o vídeo transmite.

REFERÊNCIAS

BOCC – Biblioteca on-line de ciência da computação. **O ponto de vista no filme documentário** 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em: 27 de Mar. 2012.

CRUZ, Dulce Márcia. **Linguagem Audiovisual**: livro didático. Palhoça: UnisulVirtual, 2007.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. (traduzido) Campinas: Papyrus, 2005.